

Verbos de movimento e preposições direcionais¹

António Leal, Fátima Oliveira e Purificação Silvano

FLUP/CLUP

Abstract:

The main objective of this paper is to study the semantics of verbs of inherently directed motion (Levin, 1993) *ir* ('go') and *vir* ('come') combined with prepositional phrases with the thematic role of Goal, headed by the prepositions *para* ('to') and *até* ('to') in European Portuguese. The data from our news-based-corpus reveals that both prepositions can occur with motion verbs without any apparent restrictions and introduce complements of the verbs *ir* and *vir*, although they carry slightly different interpretations: with *para*, there is a reading that the entity that undergoes movement remains longer in destination than with *até*. When these prepositions occur within predications that describe non-physical movement, the restrictions increase. The contribution of these prepositions to the determination of the aspectual profile of predications that represent events of movement, namely telicity, poses some theoretical problems, which will also be addressed. This paper puts forward some hypotheses of explanation of the data to be developed in future work.

Keywords: Verbs of movement, prepositions, Aspect; telicity.

Palavras-chave: Verbos de movimento; preposições; Aspeto, telicidade.

Introdução

Os verbos de movimento *ir* e *vir* podem ocorrer num número bastante alargado de contextos, sendo suscetíveis de serem classificados de forma diversa e dando origem a um leque de interpretações variado. Enquanto verbos principais, os predicados que projetam podem denotar eventualidades que cabem numa classificação bipartida: ou são denotados eventos de movimento físico, ou são denotados eventos associados a uma noção de movimento que varia no grau de abstração (ou 'não físico'). A esta divisão baseada no significado podem ser associadas, ou não, restrições relativas às preposições que podem coocorrer com estes verbos, nomeadamente as preposições que introduzem sintagmas preposicionais (SPs) com a função semântica de Alvo ou Destino. Se, nos casos de movimento 'não físico', essas restrições são evidentes, nos casos de movimento físico, aparentemente, há uma maior flexibilidade e várias preposições podem ocorrer nestes contextos, nomeadamente as preposições *a*, *para* e *até*. Contudo, as interpretações não são as mesmas, variando de forma uniforme consoante a preposição. Para além disso, do ponto de vista aspetual, os testes aplicados às predicacões dão origem a resultados aparentemente contraditórios.

¹ Este trabalho é financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian (apoio a projetos de investigação nos domínios da língua e da cultura portuguesas), ref. 139614.



Este artigo constitui-se, assim, como um primeiro passo na análise das propriedades aspetuais das predicções que combinam os verbos *ir* e *vir* com sintagmas preposicionais. São dois os objetivos principais: por um lado, descrever as diversas interpretações que podem ser atribuídas aos verbos de movimento *ir* e *vir* quando combinados com SPs encabeçados pelas preposições *para* e *até* (restringimo-nos aos eventos de movimento) e, por outro lado, elencar algumas peculiaridades de natureza aspetual deste tipo de construções. Deste modo, na secção 1, apresentamos uma caracterização geral das possibilidades combinatórias dos verbos *ir* e *vir* com SPs com *para* e *até*. Esta caracterização baseia-se essencialmente num *corpus* constituído a partir de notícias do jornal *on-line Observador*. Na secção 2, são traçados os perfis aspetuais das predicções em análise, através da aplicação de um conjunto de testes. Terminamos com o levantamento de algumas hipóteses de explicação dos dados.

1. Descrição geral das combinações dos verbos com preposições

Esta secção é dedicada à descrição das possibilidades combinatórias dos verbos *ir/vir* com as preposições *para* e *até* que foram identificadas no *corpus*, tendo este sido constituído, tal como referido na introdução, com frases extraídas do jornal *on-line Observador* durante o mês de janeiro de 2016. Neste artigo, os exemplos extraídos do *corpus* estão assinalados.

1.1. Verbo *ir*

Principiaremos a nossa descrição pelos dados relativos ao verbo *ir*. Em primeiro lugar, apenas a preposição *para* pode ocorrer incluída em expressões lexicalizadas, como em (1); não foram encontrados casos de expressões lexicalizadas com a preposição *até*.

(1) As "fortes tempestades" que sopram no Dakar cancelam a primeira etapa, embora deixem que a segunda **vá para a estrada**. (*corpus*)

Em segundo lugar, ambas as preposições, *para* e *até*, podem ocorrer em contextos em que não são substituíveis pela outra preposição. Associado a esta impossibilidade de substituição,



verificou-se que, em todos estes casos, as predicacões não eram interpretadas como eventos de movimento. Vejam-se os exemplos (2)².

(2a) Qualquer casal não-heterossexual que troque afetos em público poderá ter de pagar uma coima entre 48 e 60€ e, caso aconteçam em instituições culturais ou educativas, a pena pode **ir até 15 dias de prisão**. (*corpus*)

Cf. * *ir para 15 dias de prisão*

(2b) José Sá pediu que o agente estivesse presente no momento de concretizarmos as condições, já que tinha acordo para **ir para outro clube**. (*corpus*)

Cf. * *ir até outro clube*

Contudo, as preposições *para* e *até* podem ocorrer em contextos em que se podem substituir. Neste caso, a permuta de uma preposição por outra acarreta alterações de significado. Associado a esta possibilidade de substituição, verifica-se que os predicados têm a interpretação de eventos de movimento. Veja-se o exemplo (3).

(3) agora posso encostar-me, relaxar e não ter de pôr o alarme, acordar e **ir para o ginásio** (*corpus*)

Cf. # *ir até ao ginásio*

As diferenças de interpretação associadas às preposições em (3) podem ser descritas, de uma maneira informal, da seguinte forma: as predicacões com a preposição *para* parecem ter uma leitura em que a entidade que sofre o movimento permanece mais tempo no Destino do que com *até*, ou que essa permanência não tem implícito um término (o que acontece com *até*). Por esse motivo, quando o nosso conhecimento do mundo determina que a estadia no Destino é breve ou provisória, apenas ocorre a preposição *até*, mesmo com eventos de movimento. É o que se passa com os exemplos (4) e (5).

² Note-se que ambos os exemplos de (2) podem ter uma interpretação como eventos de movimento, caso em que é possível a permuta das preposições.



(4) Antes de **ir para** Bruxelas e integrar a comissão europeia, primeiro com Barroso e depois com Juncker como vice-presidente para o orçamento e para a ajuda humanitária (*corpus*)

Cf. * *ir até* Bruxelas

(4a) Ela **foi {para/até}** Bruxelas.

(5) No sábado o Benfica recebe o Arouca e o Sporting **vai até** Paços de Ferreira (*corpus*)

Cf. * *ir para* Paços de Ferreira

(5a) O João e o Pedro estão ocupados no sábado: o João recebe os pais e o Pedro **vai para** Paços de Ferreira porque arranjou lá emprego e começa a trabalhar no domingo.

Cf. * *ir até* Paços de Ferreira

No primeiro caso, a estadia no Destino (Bruxelas) é entendida como prolongada e sem um término implícito devido ao conteúdo da oração coordenada copulativa “e integrar a comissão europeia”, que associa a ida para Bruxelas ao desempenho de um cargo profissional/político. Neste contexto, a substituição de *para* por *até* não é possível. Contudo, se não houver nada que force a leitura anterior do SP com *para*, como em (4a) a substituição desta preposição por *até* volta a ser possível.

O inverso acontece em (5). Neste caso, a estadia do Sporting (uma equipa de futebol de Lisboa) em Paços de Ferreira é entendida como transitória e com um término implícito, dado que a equipa de futebol se deslocou apenas para disputar uma partida de futebol, finda a qual regressa à sua cidade. Neste contexto, *até* não pode ser substituída por *para*, e isso não depende do tipo de complemento: repare-se que, em (5a), o complemento da preposição *para* é, novamente, “Paços de Ferreira”, mas como o contexto criado é semelhante ao de (4), não só *para* é permitida, como é a única preposição possível.

Para terminar esta descrição geral do verbo *ir*, de referir que este verbo se combina com as preposições *para* e *até* numa construção que pode ser confundida com a construção de verbo auxiliar ‘*ir* + infinitivo’, na ausência de SP (cf. Raposo, 2013:1263-1265). Veja-se (6). Há, contudo, algumas diferenças a apontar relativamente às preposições. Por um lado, e tal como se viu antes, com *para*, parece haver leitura em que a entidade permanece mais tempo no Destino do que com *até*. Por outro lado, os SPs com *para* aparentam ser mais facilmente deslocáveis do que SPs com *até*, tal como ilustrado em (6a).



(6) portanto, **íamos** para a rua **brincar** (*corpus*)

Cf. *íamos até à rua brincar*

(6a) **íamos brincar** para a rua / *??? **íamos brincar** até à rua

1.2. Verbo *vir*

Passemos agora à descrição do *corpus* no que concerne ao verbo *vir*. Para começar, não se encontram atestados no *corpus* casos de expressões lexicalizadas envolvendo as preposições *para* e *até*: apenas a preposição *a* foi encontrada em contextos deste tipo, dos quais (7) é um exemplo.

(7) Entretanto, o socialista João Galamba já **veio a terreiro** defender a decisão do governo liderado por António Costa. (*corpus*)

Cf. *vir { * para / * até } terreiro*

Para além disso, apenas a preposição *para* pode ocorrer em contextos em que não é substituível por outra preposição. Tal como se verificou com o verbo *ir*, nestes casos não são denotados eventos de movimento (cf. (8)).

(8) esses bens têm que ser leiloados e essa receita tem que **vir para o orçamento de estado**. (*corpus*)

Cf. ** vir até ao orçamento de estado*

Por fim, e tal como com o verbo *ir*, também com o verbo *vir* são possíveis as preposições no mesmo contexto, quando é denotado um evento de movimento, como em (9), e com a mesma alteração de significado.

(9) muitas vezes os familiares não podem **vir para** Portugal e também acontece que se algum deles tem necessidade de sair de Portugal já não pode regressar (*corpus*)

Cf. *vir até Portugal*

Em suma, o que se verifica no *corpus* é que, quando ambas as preposições podem ocorrer com estes verbos, nos mesmos contextos, as predicções são sempre interpretadas como



eventos de movimento. Por outro lado, embora os SPs introduzidos por estas preposições sejam sempre associados à função de Destino, há diferenças de interpretação. Na secção seguinte, veremos que esta não é a única diferença a apontar às preposições.

2. Eventos de movimento com verbos *ir* e *vir*: algumas questões sintáticas e semânticas

Nesta secção, procuraremos pôr em destaque algumas semelhanças e diferenças entre os SPs introduzidos por *para* e *até*. Principiaremos por breves considerações de natureza sintática. Posteriormente, abordaremos alguns problemas relacionados com leituras aspetuais.

2.1. Aspetos sintáticos dos SPs com *para* e *até*

O primeiro aspeto a salientar é o facto de os SPs introduzidos por *para* e *até* se comportarem, com ambos os verbos, como complementos, como se mostra em (10).

(10a) * O João {foi/veio} para casa e a Maria fez o mesmo para a escola. (fazer o mesmo = {ir/vir})

(10b) * O que é que o João fez para casa? {Foi/veio}.

(11a) * O João {foi/veio} até casa e a Maria fez o mesmo até à escola. (fazer o mesmo = ir/vir)

(11b) * O que é que o João fez até casa? {Foi/veio}.

De notar que, devido à componente déctica do significado dos verbos *ir* e *vir*, estes podem ocorrer, em certos contextos, sem o complemento expresso. Como se exemplifica em (12), o verbo *vir* ocorre mais facilmente neste contexto do que o verbo *ir* (cf. (12a) e (12b) vs. (12c)).

(12a) O rapaz {*foi / veio}.

(12b) Pergunta: {* Quem foi? / Quem veio?}. Resposta: O rapaz.

(12c) O rapaz já {foi / veio}.

Em suma, a distinção de significado associada a estas preposições parece ter motivações lexicais, e não sintáticas.



2.2. Aspetos semânticos dos SPs com *para* e *até*

Passemos agora às particularidades semânticas destas construções. Em primeiro lugar, estes verbos não admitem a coocorrência com uma expressão de medição espacial, como é ilustrado em (13). Esta é uma particularidade dos verbos de movimento inerentemente direcionado e foi apontada já na literatura sobre outras línguas (cf., e.g., Levin, 1993, para o Inglês).

(13) * O rapaz {foi/veio} {para casa/até casa} 30 metros.

Em segundo lugar, a combinação destas construções com o adverbial temporal *em x tempo* é possível. Este é um teste habitualmente apontado na literatura como diagnóstico de predicções durativas e télicas, ou seja, de Processos Culminados (cf. Moens, 1987). Assim, em (14), o adverbial “em 5 minutos” está a medir toda a extensão temporal dos eventos. Embora não haja qualquer problema com os exemplos (14a) e (14b), com SP com *até*, é de referir que alguns informantes indicaram os exemplos (14c) e (14d), com SP com *para*, como casos em que a aceitabilidade não é completa. Note-se que esses mesmos informantes não têm problemas com estas frases sem o adverbial temporal.

(14a) O rapaz **foi até** à faculdade em 5 m.

(14b) O rapaz **veio até** à faculdade em 5 m.

(14c) ? O rapaz **foi para** a faculdade em 5 m.

(14d) ? O rapaz **veio para** a faculdade em 5 m.

Já os resultados da combinação destas construções com o adverbial temporal *durante x tempo* são distintos. Começemos pelos casos com *até*. Ambos os exemplos (15) são gramaticais, mas em ambos o adverbial não está a medir o evento, ou uma parte do evento, mas um intervalo de tempo após a ocorrência do evento. Por outras palavras, em (15), o adverbial “durante 5 m” não mede o evento “o rapaz ir/vir até à faculdade”, ou uma parte desse evento, mas o período de tempo durante o qual o rapaz esteve na faculdade após o evento “o rapaz ir/vir até à faculdade” cessar, ou seja, o adverbial temporal mede o estado consequente do evento.

Os exemplos (16) são ambíguos, na medida em que o adverbial temporal *durante x tempo* pode estar a medir intervalos diferentes. Por um lado, o adverbial temporal pode medir



o estado consequente, da mesma forma que foi descrita relativamente aos exemplos (15). Por outro lado, o adverbial temporal pode medir o processo preparatório do evento, ou seja, mede um intervalo de tempo que engloba o início do evento “o rapaz ir/vir para a faculdade”, mas não o seu fim. Deste modo, as frases (16) são ambíguas entre uma leitura em que o rapaz chega à faculdade (primeira leitura, de medição do estado consequente) e uma leitura em que o rapaz não chega à faculdade (segunda leitura, de medição do processo preparatório).

(15a) O rapaz **foi até** à faculdade durante 5 m. (= esteve na faculdade 5 m.)

(15b) O rapaz **veio até** à faculdade durante 5 m. (= esteve na faculdade 5 m.)

(16a) O rapaz **foi para** a faculdade durante 5 m. (= esteve a ir para a faculdade durante 5 m. / esteve na faculdade 5 m.)

(16b) O rapaz **veio para** a faculdade durante 5 m. (= esteve a ir para a faculdade durante 5 m. / esteve na faculdade 5 m.)

Um outro contexto em que se verifica uma assimetria entre as preposições em análise é o dos sintagmas direcionais. Na verdade, quando o SP tem uma interpretação meramente direcional, apenas *para* pode ocorrer. Vejam-se (17) e (18). O primeiro elemento de cada par, com *para*, tem uma interpretação meramente direcional, o que é impossível relativamente ao segundo elemento de cada par; este só é gramatical se os complementos da preposição (“a direita”, “oeste”) forem interpretados como Destino ou Alvo, ou seja, como ponto final do movimento.

(17) **vai tudo para {a direita / oeste} / * / # vai tudo até {à direita / oeste}**

(18) **vem tudo para {a direita / oeste} / * / # vem tudo até {à direita / oeste}**

Esta mesma assimetria relativa à possibilidade de ocorrência das preposições verifica-se quando se combinam estas construções com o Progressivo. Neste contexto, apenas é possível a combinação com SP com *para*, pois, com SP construído com *até*, os resultados são muito pouco aceitáveis numa leitura de evento único. Vejam-se os exemplos (19). Ambos os casos com *para* ((19a) e (19c)) são gramaticais, sendo descrita uma fase medial de uma mesma eventualidade, pelo que, em ambos os casos, o rapaz não chegou ainda à faculdade no momento da enunciação, ou seja, trata-se de casos do paradoxo do imperfectivo. Já os exemplos com *até*



((19b) e (19d)) são pouco aceitáveis ou mesmo agramaticais, numa leitura de evento único, sendo gramaticais apenas se as frases em questão receberem uma leitura de habitualidade, o que é facilitado pela inserção de, por exemplo, um quantificador de frequência (cf. *está a {ir/vir} até à faculdade todas as manhãs*).

(19a) O rapaz está a **ir para** a faculdade.

(19b) ???/ok O rapaz está a **ir até** à faculdade.

(19c) O rapaz está a **vir para** a faculdade.

(19d) ???/ok O rapaz está a **vir até** à faculdade.

Já o comportamento destas construções no escopo de *parar de* é distinto dos casos anteriores, na medida em que, com ambas as preposições, os resultados são muito pouco aceitáveis ou mesmo agramaticais numa leitura de evento único, como se pode observar em (20). Note-se que, tal como foi referido a propósito dos exemplos (19b) e (19d), todos os exemplos em (20) são gramaticais só se as frases receberem uma leitura de habitualidade (cf. *parar de ir para a faculdade todos os dias*).

(20a) ???/* O rapaz parou de **ir para** a faculdade.

(20b) ???/* O rapaz parou de **ir até** à faculdade.

(20c) ???/* O rapaz parou de **vir para** a faculdade.

(20d) ???/* O rapaz parou de **vir até** à faculdade.

Uma outra diferença entre as preposições, relevante do ponto de vista aspetual, prende-se com as implicações a que dão origem. Um dos testes apontados na literatura para a identificação de Processos Culminados está relacionado com as implicações desencadeadas pela combinação do Perfeito com adverbiais do tipo *em x tempo* (cf. Dowty, 1979): a ocorrência de Processos Culminados no Pretérito Perfeito e no escopo de um adverbial do tipo *em x tempo* implica a verdade da forma progressiva correspondente durante o período de tempo indicado. A combinação dos verbos *ir* e *vir* com a preposição *para* apresenta os resultados esperados, tendo em conta o comportamento destes exemplos no escopo de *em x tempo* (cf. exemplos (14c) e (14d)), na medida em que as inferências desencadeadas correspondem às inferências próprias dos Processos Culminados, tal como se exemplifica em (21a) e (21b). Contudo, o mesmo não



se verifica com os exemplos (21c) e (21d), em que comparece a preposição *até*, o que, aparentemente, constitui um resultado contraditório, relativamente ao que se verificou aquando da compatibilidade com *em x tempo* (cf. exemplos (14a) e (14b)).

(21a) ? O rapaz **foi para** a faculdade em 5 m.

→ O rapaz esteve a **ir para** a faculdade durante esses 5 m.

(21b) ? O rapaz **veio para** a faculdade em 5 m.

→ O rapaz esteve a **vir para** a faculdade durante esses 5 m.

(21c) O rapaz **foi até à** faculdade em 5 m.

⇒ O rapaz esteve a **ir até à** faculdade durante esses 5 m.

(21d) O rapaz **veio até à** faculdade em 5 m.

⇒ O rapaz esteve a **vir até à** faculdade durante esses 5 m.

O último aspeto a destacar diz respeito à possibilidade de existência de leituras de “evento incompleto”. Nestas leituras, há material linguístico que procede ao cancelamento da culminação existente no núcleo aspetual dos Processos Culminados, pelo que as predicções são interpretadas como denotando eventos que não atingem o seu término intrínseco. O que os exemplos (22) e (23) mostram é que as preposições *para* e *até* dão origem a leituras distintas: enquanto *para* licencia leituras de “evento incompleto” (cf. exemplos (22)), *até* não as permite (cf. exemplos (23)).

(22a) O rapaz **veio para** a faculdade, mas, a meio do caminho, teve de voltar para trás.

(22b) O rapaz **foi para** a faculdade, mas, a meio do caminho, teve de voltar para trás.

(23a) * O rapaz **veio até à** faculdade, mas, a meio do caminho, teve de voltar para trás.

(23b) * O rapaz **foi até à** faculdade, mas, a meio do caminho, teve de voltar para trás.

Os dados que foram apresentados nesta secção constituem um puzzle de difícil resolução, na medida em que os resultados da aplicação dos testes dão origem a conclusões aparentemente contraditórias. Se, por um lado, os SPs introduzidos tanto por *para* como por *até* aparentam ser complementos dos verbos *ir* e *vir* (o que é parcialmente distinto do que se passa com as mesmas preposições quando combinadas com verbos de modo de movimento; cf. Leal & Oliveira, 2008; 2015), por outro lado, a sua contribuição para a construção aspetual das



predicações e o próprio perfil aspetual das predicações não são claros. Destacam-se os seguintes aspetos (referidos anteriormente nesta secção).

1. Ambas as preposições se combinam com *em x tempo* (embora alguns informantes considerem os exemplos com *para* não totalmente gramaticais), o que identifica as predicações como Processos Culminados.
2. Quando combinadas com *durante x tempo*, as preposições dão origem a interpretações distintas: *para* permite tanto uma leitura de medição do processo preparatório do evento, como uma leitura de medição do estado consequente; *até* apenas permite a leitura de medição do estado consequente. Note-se que apenas a leitura de medição do processo preparatório é própria dos Processos Culminados, enquanto a leitura de medição do estado consequente é uma leitura que se pode encontrar tipicamente em Culminações (eventualidades não durativas e téticas).
3. Apenas *para* pode ter leitura meramente direcional (em que o Destino, ou Alvo, não é atingido) e apenas *para* se combina com o Progressivo. De notar que, em Português Europeu, tipicamente, apenas os Estados não Faseáveis e algumas Culminações não admitem a ocorrência com esta construção.
4. Apenas *para* dá origem a uma implicação própria de Processo Culminado, quando coocorre no Pretérito Perfeito juntamente com um adverbial do tipo *em x tempo*. A implicação desencadeada por predicações com *até* é própria de Culminações.
5. Apenas *para* dá origem a leituras de “evento incompleto”; com *até*, não parece ser possível a remoção da culminação do núcleo aspetual.
6. Ambas as preposições rejeitam a combinação com *parar de*, um teste usado para diagnosticar a duratividade das predicações.

Em suma, não é claro se as predicações que combinam os verbos *ir* e *vir* com *para* e *até* são durativas ou se são não durativas. Para além disso, também não é evidente qual é a informação trazida pelas preposições para a definição do perfil aspetual das predicações. Embora ambas introduzam complementos com a função semântica de Destino, ou Alvo, apresentam também distinções importantes, que podem ser sumariadas da seguinte forma: *para* tem associada uma leitura de permanência prolongada, ou sem um término implícito, mas permite que a culminação do núcleo aspetual seja facilmente removida; *até* tem associada uma leitura de permanência breve, ou com um término implícito, mas não permite que a culminação do núcleo aspetual seja removida.



A solução para os problemas que foram elencados não pode ser facilmente exposta e ultrapassa o âmbito deste trabalho. No entanto, são apresentadas, na secção seguinte, algumas pistas no sentido de encontrar uma forma de explicar o comportamento aparentemente errático das construções em análise.

3. Hipóteses de explicação dos dados

Uma proposta para descrever os dados apresentados terá de dar conta das diferentes formas como as preposições *para* e *até* determinam a telicidade das predicções em que ocorrem. Se, como se verificou antes, as predicções são télicas, também é verdade que a telicidade associada a *para* é mais facilmente removida do que a que está associada a *até*.

Uma hipótese para descrever esta diferente contribuição das preposições poderá passar por alargar a proposta feita em Leal & Oliveira (2015), referente à combinação dos verbos de modo de movimento com as preposições *para* e *até*, e considerar que também os verbos de movimento direcionado *ir* e *vir* denotam escalas de percursos, à semelhança do que Rappaport Hovav & Levin (2010) propõem para o Inglês. Se se assumir uma proposta como, por exemplo, a de Kennedy & McNally (2005), uma escala divide-se em três parâmetros: (i) uma dimensão de medição (indica o tipo de medição e a forma como os graus são interpretados); (ii) um conjunto de graus, com a especificação da existência de um valor mínimo ou máximo na escala; (iii) uma relação de ordenação, com a explicitação da ordem nos graus na escala.

Dado que as escalas de percursos estão apenas parcialmente lexicalizadas nos verbos de movimento direcionado (cf. Rappaport Hovav & Levin, 2010), é necessário que o contexto forneça o valor dos elementos em falta (cf. Fleischhauer & Gameschlag, 2014). Seguindo Leal & Oliveira (2015), as preposições *para* e *até* dão origem a interpretações parcialmente distintas por completarem a informação em falta no verbo com parâmetros distintos da escala. *Para* apenas determina a relação de ordenação (aproximação a um determinado ponto definido pelo SP com *para*), pelo que permite que seja retirada a culminação do núcleo aspetual; por seu lado, *até* opera sobre o parâmetro do conjunto de graus e denota o elemento máximo da escala projetada pelo verbo, pelo que não permite que seja retirada a culminação do núcleo aspetual.

Esta proposta, aparentemente, dá conta da telicidade variável das preposições, embora seja necessário escrutiná-la de forma mais detalhada (o que não cabe neste trabalho). Para além disso, ela deixa outras questões em aberto e que carecem de mais investigação. Destacaremos duas delas. A primeira prende-se com as leituras distintas das preposições (*para* associa-se a



permanência prolongada, ou sem um término implícito; *até* associa-se a permanência breve, ou com um término implícito). Uma proposta baseada apenas na noção de escala, tal como foi formulada anteriormente, não parece dar conta destas diferentes interpretações.

A segunda questão em aberto prende-se com a natureza das escalas projetadas pelos verbos. Se, por um lado, os eventos denotados parecem ser durativos e télicos, há contextos em que os eventos parecem ser não durativos e télicos (de modo particular, com *até*). Se os eventos são durativos, então os verbos deverão projetar escalas de múltiplos pontos, mas, se os eventos são não durativos, então os verbos projetarão escalas de apenas dois pontos (cf. Beavers, 2008). A forma de explicar esta variedade pode seguir diferentes percursos. Por exemplo, pode-se considerar que os eventos com estes verbos são na base não durativos (escalas de dois pontos) e ganham duração através de operações de *shift* aspetual; ou, em alternativa, que os eventos com estes verbos são na base durativos (escalas de múltiplos pontos) e perdem duração através de operações de *shift* aspetual. Outra hipótese é considerar que os eventos com *ir* e *vir* e *para* são na base durativos e os eventos com *até* são na base não durativos, pelo que os verbos seriam completamente subespecificados. Uma quarta hipótese passa por considerar que os eventos com estes verbos são na base não durativos, correspondendo a escalas de apenas dois elementos. Contudo, é marcada a transição de uma situação durativa para outra situação durativa, pelo que os elementos da escala não correspondem a pontos, mas a intervalos.

4. Considerações finais

Ao longo deste trabalho, foi descrito o padrão de combinação dos verbos de movimento inerentemente direcionado *ir* e *vir* com duas preposições, *para* e *até*, num *corpus* constituído a partir de notícias de um jornal *on-line*. Dado que ambas as preposições podem ocorrer, no mesmo contexto (embora com uma ligeira alteração de significado), quando as predicções denotam eventos de movimento, foi feita uma análise, essencialmente semântica, a este tipo de construções.

Os resultados obtidos são aparentemente contraditórios, na medida em que as predicções parecem ser durativas, mas, em certos contextos, comportam-se como não durativas. Para além disso, a telicidade das predicções está dependente da preposição que ocorre, sendo esta característica aspetual mais facilmente removível quando ocorre a preposição *para*.



Para dar conta da telicidade variável destas predicções, avançamos a hipótese (no seguimento de Leal & Oliveira, 2015, para os verbos de modo de movimento) de que os verbos *ir* e *vir* têm um significado lexical que pode ser representado como uma escala parcialmente especificada. Os SPs introduzidos por *para* e *até*, que se comportam como complementos dos verbos, contribuem assim de forma distinta para a especificação de algum parâmetro da escala projetada pelo verbo: *para* determina a relação de ordenação, enquanto *até* opera sobre o parâmetro do conjunto de graus e denota o elemento máximo da escala projetada pelo verbo.

Uma abordagem escalar à semântica destas construções tem a vantagem de as relacionar com construções em que ocorrem verbos de mudança de estado e de tema incremental, as quais também exibem o mesmo tipo de telicidade variável. Contudo, há ainda um conjunto de características das predicções com *ir/vir* e *para/até* que não têm uma explicação satisfatória, o que constituirá objeto de investigação futura.

Referências

- Beavers, J. (2008) Scalar complexity and the structure of events. In Dölling, J, Heyde-Zybatow, T. & Schäfer, M. (eds.), *Event Structures in Linguistic Form and Interpretation*. Berlin: de Gruyter, 245-265.
- Dowty, D. (1979) *Word Meaning and Montague Grammar*. Dordrecht: Reidel.
- Fleischhauer, J. & Gameschlag, T. (2014) We're going through changes: How change of state verbs and arguments combine in scale composition. *Lingua* 141, pp.30-47.
- Hay, J., Kennedy, C. & Levin, B. (1999) Scalar structure underlies telicity in 'degree achievements'. In Matthews T. & Strolovitch, D. (eds.) *Proceedings of SALT IX*. Ithaca: CLC Publications, pp.127-144.
- Kennedy, C & McNally, L. (2005) Scale structure, degree modification, and the semantics of gradable predicates. *Language* 81 (2), pp.345-381.
- Kennedy, C. & Levin, B. (2008) Measure of change: The adjectival core of degree achievements. In L. McNally & C. Kennedy (eds.) *Adjectives and Adverbs: Syntax, Semantics and Discourse*. Oxford: Oxford University Press, pp.156-182.
- Leal, A. & Oliveira, F. (2008) Subtipos de verbos de movimento e classes aspectuais. In Lobo, M. & M. Antónia Coutinho (eds.) *Textos Seleccionados do XXIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp.287-298.



- Leal, A., & Oliveira, F. (2015) Verbos de movimento, preposições direcionais e escalas. In *Revista da Associação Portuguesa de Linguística* 1, pp. 353-366.
- Levin, B. (1993) *English Verb Classes and Alternations: a Preliminary Investigation*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Moens, M. (1987) *Tense, Aspect and Temporal Reference*. Tese de doutoramento, Universidade de Edimburgo.
- Paiva Raposo, E (2013) Verbos auxiliares. In Paiva Raposo, E. *et al.* (orgs.) *Gramática do Português*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp.1221-1284.
- Rappaport Hovav, M. & Levin, B. (2010) Reflections on manner/result complementarity. In M. Rappaport Hovav, E. Doron, e I. Sichel (eds.) *Syntax, Lexical Semantics, and Event Structure*. Oxford: Oxford University Press, pp.21-38.

